

A PSICOPEDAGOGIA COMO SUPORTE NA AVALIAÇÃO EFICAZ DO ALUNO COM TDAH

Ana Cláudia de Souza¹

Adriana Ernesto²

Resumo

O presente artigo surgiu devido ao aumento de portadores de síndromes e transtornos nas escolas onde a maioria dos profissionais e familiares não sabem o que fazer e como fazer para ajudá-los. Objetiva-se colaborar com pessoas que trabalham com portadores de TDAH, bem como esclarecer sobre a avaliação dos alunos com tal transtorno. Além de apresentar a origem, as causas e o tratamento para o TDAH, buscou-se mostrar os tipos de avaliação que ocorrem nas instituições públicas e privadas, aplicadas a quaisquer alunos, com ou sem algum tipo de transtorno, apontando estratégias para avaliá-lo sem sua individualidade com mais eficácia. O artigo também aborda parcerias para o bem-estar e a aprendizagem de pessoas com TDAH, assim como a eficácia do trabalho psicopedagógico, que é feito com eles e também como um suporte às instituições escolares, aos profissionais da educação e às famílias no trato específico.

Palavras-chave: TDAH. Avaliação. Família. Escola. Psicopedagogia.

PSYCHOPEDAGOGY AS A SUPPORT FOR THE EFFECTIVE EVALUATION OF STUDENTS WITH ADHD

Abstract

This article has emerged as a concern related to the increase in syndromes and disorders in schools where most professionals and families do not know what to do and also do not know how to help patients with syndrome. The objective of the article is to collaborate with people who work with ADHD patients, clarifying about an evaluation of the students with disorder. In addition to presenting an origin, the causes and treatment for ADHD, the article shows the types of evaluation that involve public and private institutions, applied by students, with or without some type of disorder, pointing out the strategy to evaluate these students in their individuality more effectively. This article also addresses partnerships for the well-being and learning of people with ADHD, as well as the effectiveness of psycho-pedagogical work, which is done with them as well as support to school institutions, education professionals and families without specific treatment.

¹Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase

²Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase

Keywords: ADHD. Evaluation. Family. School. Psychopedagogy.

Introdução

A carência de informação, conhecimento e compreensão em relação ao TDAH, acaba fazendo com que os professores, amigos e família tenham uma avaliação equivocada em relação ao comportamento das pessoas com esse transtorno, o que prejudica seu tratamento e desenvolvimento.

É necessário ter uma atenção especial para desenvolver um trabalho eficaz com as crianças portadoras de necessidades especiais no âmbito familiar e escolar. Na escola, as propostas devem ser flexíveis. As estratégias e a didática, as avaliações e os materiais devem ser adequados e preparados às necessidades dos alunos. Na família, os responsáveis devem ter clareza da sua participação no desenvolvimento e ensino-aprendizagem dos seus filhos. A junção de família, escola e especialista, são de extrema importância para uma criança com TDAH. A união torna o trabalho mais eficiente e o resultado satisfatório. Veremos no decorrer desse artigo, a importância dessa tríade (família, escola e profissionais) no desenvolvimento de uma pessoa com TDAH.

Como especialista no assunto, a Psicopedagogia tem muito a colaborar em relação a todo esse processo de aprendizagem e sua intervenção beneficia a todos os envolvidos. Como diz os autores Muszat, Miranda e Rizzutti o TDAH significa:

(...) é um dos principais transtornos do desenvolvimento infantil. Caracteriza-se pela dificuldade na modulação da atenção, no controle dos impulsos e na capacidade que a criança tem de controlar seu próprio nível de atividade motora, planejando seus objetivos e estratégias de ação. (...). Os critérios diagnósticos do TDAH envolvem a delimitação de uma tríade sintomática de desatenção, hiperatividade e impulsividade. (2012, p. 15 e 16)

É preciso que os educadores conheçam um pouco sobre o TDAH, para que não criem barreiras em relação ao seu aluno e contribua para o desenvolvimento do seu educando, fazendo tudo o que for preciso.

Este artigo tem como compromisso apresentar um pouco sobre o TDA e TDAH, e responder questões como: O que é tal transtorno e suas causas? Como funciona o tratamento? Como é realizada a avaliação nas escolas públicas e privadas? Qual é a importância da psicopedagogia à luz de tal paciente? E como funciona o trabalho do psicopedagogo com eles?

Conceito

O TDAH é um dos distúrbios mais atribuídos às crianças que apresentam algum problema de aprendizagem. Vários fatores podem ser responsabilizados pelo fracasso escolar do estudante e alguns portadores de TDAH conseguem acompanhar as aulas e exigências feitas pelo ambiente escolar, embora se tenha ciência dessas informações, cada vez mais, pesquisadores realizam estudos sobre este tema, para esclarecerem as dúvidas sobre este distúrbio, um dos mais estudados no mundo. O termo “TDAH” passou por diversas denominações ao longo do tempo. Antigamente era conhecida como a “Síndrome do Déficit de Atenção – SDA”, mas os especialistas optaram por tirar a palavra “síndrome”, que passou a se chamar “Distúrbio do Déficit de Atenção e Hiperatividade – DDAH”. Depois disso, finalmente chegou ao conceito utilizado atualmente que é “Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH”. Segundo a conceptualização de Freitas:

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade é uma síndrome ligada ao desenvolvimento neurobiológico que interfere diretamente no comportamento, contudo, por desequilibrar os mecanismos de atenção e memória, muito utilizados na aprendizagem, o TDAH tem contribuído de forma considerável ao fracasso escolar. (2014, p.131)

De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o TDAH é definido como: “(...) um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. ”

Em suma, o TDAH é a sigla do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, uma síndrome ligada ao desenvolvimento neurobiológico, diagnosticada por critério clínico e marcada por um conjunto de sinais e sintomas. Ele se caracteriza pela desatenção, agitação, hiperatividade e impulsividade.

Podemos ter pessoas com TDA ou TDH e não necessariamente o TDAH em si, portanto vamos entender um pouco sobre esses distúrbios também.

O TDA é um distúrbio neurobiológico, ou seja, um funcionamento diferente do cérebro. O seu diagnóstico se dá a partir da análise cuidadosa da história de vida e comportamento do sujeito. As pessoas com TDA não tem a hiperatividade, são aquelas crianças quietas, que vivem dispersas, seus pensamentos voam enquanto naquele momento eles precisam de concentração. Muitas vezes, o TDA pode passar despercebido por não ser acompanhado pela hiperatividade.

Percebemos ainda que quaisquer alunos que não se adequem ao protótipo imposto pela instituição escolar hoje são rotulados como hiperativos ou portadores do TDAH.

Antes de diagnosticar qualquer transtorno ou distúrbio é de mister importância que se analisem clinicamente e que se façam exames cuidadosos junto aos devidos especialistas. Vamos entender um pouco sobre:

Causas

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade não apresenta uma causa específica, é correto afirmar que ele é determinado e diagnosticado por um conjunto de sintomas. Existem diversos estudos pelo mundo para afirmar a efetiva causa do TDAH. Uma das pesquisas tem mostrado que as pessoas portadoras do TDAH apresentam alterações na região frontal e nas suas conexões com o resto do cérebro. O neuropediatra Wajnsztein afirma que:

Independente do fator causal do transtorno, sabe-se que existe um mau funcionamento do cérebro (...). O principal envolvido, portanto, é o lobo frontal e suas conexões com as outras áreas cerebrais; situa-se na porção anterior do cérebro, sendo

responsável pelo planejamento do nosso comportamento e de nossas ações, constituindo-se na estrutura cerebral mais importante envolvida no controle de impulsos e na regulação da atenção. A região pré-frontal tem a função de ativar o foco de atenção e mantê-la em tarefas monótonas(...). (2000, p. 51/52)

Como já mencionado, através dos estudos científicos, pessoas portadoras do TDAH apresentam alterações nas regiões do cérebro. Entretanto, existem outras causas para este transtorno como: a hereditariedade, substâncias ingeridas na gravidez, sofrimento fetal, exposição a chumbo, problemas familiares, entre outros.

Hereditariedade

Em uma parcela significativa dos casos, o índice de histórico familiar é bem expressivo. É comum encontrar pessoas com TDAH na família com manifestações evidentes e outras mais sutis. A genética é fator básico na determinação do aparecimento dos sintomas deste transtorno. Os genes tendem a ser responsáveis não pelo transtorno em si, mas por uma predisposição ao TDAH.

Substâncias Ingeridas na Gravidez

A ingestão de nicotina e álcool durante a gravidez podem causar alterações no cérebro do bebê prejudicando a sua região frontal. Essa região do cérebro é a principal prejudicada em uma criança com TDAH, aumentando a chance dos problemas com hiperatividade e desatenção.

Sufrimento fetal

Alguns autores apontam a ocorrência de intercorrências perinatais (antes, durante e logo após o parto) como parte da origem do TDAH. Eles incluíram a asfixia (falta de oxigenação), traumas de parto, infecções intrauterinas e outros problemas no parto como chances de serem motivos para o TDAH.

Exposição a chumbo

Pessoas que sofreram intoxicação por chumbo quando pequenas podem apresentar sintomas semelhantes aos do TDAH.

Problemas familiares

Os problemas familiares podem agravar o TDAH, mas não são motivo (causa) do distúrbio. Alguns estudos apontam que os problemas familiares podem influenciar e agravar os sintomas das crianças com TDAH. Como afirma os especialistas Sampaio e Freitas (2014, p.138) sobre a causa do TDAH: “Muitas possíveis causas foram apresentadas. Estas podem estar ligadas a fatores exógenos e endógenos, comprometendo o funcionamento normal do cérebro, tendo como consequência alterações funcionais.”, assim salientamos que os fatores internos e externos têm relação com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e estes devem ser devidamente estudados para então auxiliar no diagnóstico da criança.

Tratamento

O tratamento precoce do TDAH é importante para que a vida daqueles que tem o transtorno seja mais saudável e produtiva. Após um diagnóstico realizado em parceria com um psiquiatra, damos início ao tratamento.

Muitas famílias e médicos preferem começar esse processo por meio de terapias e atividades que busquem auxiliar o desenvolvimento e estimulação de aptidões corrompidas pelo transtorno. Mas, se no decorrer do processo estas intervenções se mostrarem insuficientes, em muitos casos faz-se necessário a inserção dos fármacos que são de suma importância para um avanço mais efetivo, regulando sintomas de hiperatividade e desatenção.

Os especialistas Sampaio e Freitas comentam sobre o uso da medicação no tratamento da seguinte maneira:

É importante ter consciência de que o uso da medicação possivelmente não levará à cura do transtorno. Por outro lado, estimulará áreas cerebrais responsáveis pelo comportamento inibitório, melhorando os sintomas de hiperatividade/impulsividade, aumentando e regulando os neurotransmissores que estão deficitários nas regiões responsáveis pela regulação do comportamento no freio a estímulos e, conseqüentemente, trará a melhora na concentração e nas respostas adequadas a situações específicas." (2014, p. 144)

Atualmente, o mercado de medicamento dispõe de algumas medicações indicadas para minimizar o transtorno. Para os casos de TDAH, hoje o remédio mais utilizado é a Ritalina (metilfenidato), mas também são utilizados medicamentos antidepressivos, que também possuem efeito estimulante do Sistema Nervoso como o Tofranil, Imipra (imipramina). Existem casos em que a criança pode suspender o uso de remédios ao longo do desenvolvimento, visto que ocorre um devido rearranjo das funções cerebrais envolvidas no Transtorno. De acordo com Wajnsztein:

(...) A maioria dos indivíduos com esta desordem terá sintomas, em maior ou menor grau, por toda a vida. Em nossa experiência, com atendimentos a portadores de TDAH, percebemos como a integração de uma equipe multidisciplinar é importante para essas crianças e adolescentes, visando a percepção e compreensão que cada profissional tem sobre o paciente, objetivando o trabalho e esclarecendo as limitações e capacidades do indivíduo, como ponto de partida, sem deixar de buscar suas potencialidades. (2000, p.73/74)

O tratamento medicamentoso por si só não é suficiente, pois além de uma orientação familiar e escolar, é necessário um acompanhamento multidisciplinar que envolva atendimento nas áreas de psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia, etc. A orientação aos pais é fundamental, porque os instrui sobre a doença, facilita o convívio em família, os ensinam a lidar com a criança e como prevenir futuras recaídas. As orientações à escola são importantes e muitas vezes é preciso um acompanhamento psicopedagógico para o aluno e, também, conversas com os professores para que juntos possam auxiliar no desenvolvimento da criança.

Avaliação para o Diagnóstico

Diagnosticar uma criança com TDAH não é algo tão simples e exige muito cuidado e atenção durante o processo avaliativo, visto que as crianças podem apresentar um quadro temporário de distração e até mesmo de agitação e não ser portador do TDAH.

É necessário perceber se a agitação e a distração dura muito tempo e, se isso acontecer, existe uma grande possibilidade da criança portar TDAH. Dificuldade de prestar atenção na matéria, distrair-se facilmente durante a aula, ter uma inquietude e uma incrível habilidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo são algumas características do portador deste transtorno.

Os professores são os primeiros a perceberem as características dos alunos, ao contrário da família que se adequa com maior facilidade às diferenças de comportamento da criança sem um parâmetro de outras que sejam isentas ao transtorno. Geralmente, os pais não se atentam aos sintomas porque desconhecem as características de cada fase do comportamento infantil em seu desenvolvimento. Os pais que tem seu primeiro filho com TDAH possuem ainda mais dificuldade de perceber, pois a criança é o centro de tudo não e não conseguem perceber nenhuma diferença comportamental em destaque.

Os professores sim, tem vários alunos na mesma fase de desenvolvimento, o que facilita a percepção daqueles que destoam do grupo. Estes devem ter o cuidado

para não fazer uma avaliação prévia equivocada, buscando diferenciar com clareza as características de um portador de TDAH ou de uma criança que está passando por uma fase de distração ou agitação momentânea, que pode ter sido causada por alguma mudança na família ou em sua rotina.

O diagnóstico para uma pessoa com TDAH é complexo e exige bastante cuidado e experiência. É pautado no quadro clínico comportamental, e devem ser levados em considerações os ambientes em que vive a criança ou o adolescente, além da qualidade da interação com estes. Apenas com um diagnóstico preciso é possível encontrar tratamentos eficazes.

Para a obtenção de um diagnóstico precoce, é necessário a observação do professor, já que a maior parte dos sintomas é constatada no ambiente escolar. Outro fator importante é a observação dos pais em relação ao quadro apresentado, visto que a família identifica alguns sintomas do transtorno durante o cotidiano, o dia a dia com o seu filho.

Não existe uma restrição quanto a formação do profissional que fará o diagnóstico. Um médico profissional (psiquiatra, neurologista, neuropediatra, psicólogo) pode realizar o diagnóstico clínico, e este sabe que um diagnóstico correto e preciso do TDAH só pode ser feito através de uma anamnese (entrevista), longa e minuciosa que é o momento em que o profissional e a família se reúnem para analisar a vida da criança desde a gestação. Em seguida, deve ser feito o exame clínico, avaliando e testando as áreas eventualmente comprometidas. Devem ser aplicadas provas de equilíbrio, de coordenação, persistência motora, sensibilidade, provas gráficas, além da observação. Os especialistas Sampaio e Freitas dizem que:

É imprescindível para a avaliação do TDAH uma equipe multidisciplinar. Neste caso, o professor, o neuropediatra, o psicopedagogo e/ou psicólogo devem participar. Cada profissional atuante deverá analisar as prioridades a depender de como se manifestam os sintomas. O tratamento não ocorre de forma unilateral, ou seja, apenas focando a criança. Ele deverá ocorrer de forma aprofundada, atingindo a criança, a família e a escola em suas necessidades particulares. (2014, p.140/141)

Se pensarmos na tríade família – escola – médico temos um conjunto essencial para o diagnóstico e tratamento do paciente. A família deve aceitar o diagnóstico e ter informações sobre o TDAH, para que assim possa seguir o tratamento e ajudar o seu filho. O professor costuma ser o primeiro a observar os sinais de TDAH, e ele deve ser capacitado para perceber e distinguir características comuns aos sintomas do transtorno. O médico tem o papel de realizar uma avaliação clínica pautada na confirmação dos sintomas apresentados e prescrever medicação ou não e apresentar recursos para o seu paciente buscando sempre o seu melhor desenvolvimento. Sampaio e Freitas afirmam ainda que:

O importante durante o processo de diagnóstico é identificar ou excluir possíveis síndromes ou transtornos associados, como comorbidades, ao TDAH, ou a possibilidade de que os sintomas apresentados não sejam decorrentes de outros transtornos ou síndromes. O tratamento sistemático e adequado às necessidades da criança pode trazer bons resultados ao longo de sua vida acadêmica. (2014, p. 142/143)

Essa tríade (escola, família e médico) juntamente com outros profissionais são essenciais para o desenvolvimento da criança e possibilitam um excelente retorno sobre este transtorno. Uma criança acompanhada por uma boa equipe de profissionais e seguindo o tratamento aumenta suas chances de ter um bom resultado tanto na escola quanto no social.

O chamado “DSM”, Manual de Estatística e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria em 2014 lançou sua quinta edição incluindo novos dados para o diagnóstico do TDAH. O DSM-5 (manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais) inclui o TDAH entre os transtornos do neurodesenvolvimento, ou seja, trata-se de um conjunto de sinais e sintomas que se manifesta cedo na vida da pessoa, na fase do desenvolvimento, talvez antes de a criança ingressar na escola, provocando déficits na aprendizagem.

De acordo com a DSM no caso específico do TDAH, os sinais e sintomas podem ser reunidos em três dimensões: o déficit de atenção, o excesso de atividade motora e a impulsividade. É preciso avaliar com cuidado a intensidade dos sintomas, para se chegar ao diagnóstico de TDAH. A tríade de sintomas deve ter uma frequência e intensidade para causar prejuízos na família, escola ou trabalho.

O DSM-5 estabelece alguns critérios que conduzem o diagnóstico desse transtorno, que são esses:

a) persistente falta de atenção e/ou hiperatividade/impulsividade, com uma gravidade, frequência e intensidade maior que o observado na maioria das pessoas com semelhante nível de desenvolvimento.

b) vários sintomas devem estar presentes antes dos 12 anos de idade.

c) os prejuízos relativos aos sintomas precisam existir em, pelo menos, dois ambientes.

d) é preciso haver provas conclusivas que os sintomas causam problemas significativos nos campos social, profissional ou acadêmico.

e) antes de concluir o diagnóstico é necessário examinar se os sintomas não são melhor explicados por outros transtornos como o de ansiedade (transtorno do pânico, bipolar, etc.) ou de personalidade (transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva, narcisista etc.)

O DSM-5 tem critérios bem definidos para o diagnóstico do transtorno e indica que os sintomas clássicos não se apresentam da mesma forma em todas as pessoas, visto que cada ser humano tem as suas particularidades, algumas pessoas apresentam mais hiperatividade e menos desatenção, em outros casos pode acontecer o inverso, podendo assim se enquadrar em diferentes subtipos, que são:

- Apresentação predominantemente desatenta: quando a criança apresenta vários sinais de desatenção, mas não preenche os critérios de hiperatividade/impulsividade.

- Apresentação predominantemente hiperativa/impulsiva: quando se apresenta vários sinais de hiperatividade/impulsividade, mas os sinais de desatenção não são suficientes para preencher o critério de diagnóstico.

- Apresentação combinada: Quando os critérios de hiperatividade/impulsividade e desatenção são igualmente preenchidos.

O manual de diagnóstico prescrito por eles é composto por uma lista de 18 grupos de sintomas clássicos do transtorno, nove deles relacionados com a desatenção e o restante ligados a hiperatividade.

A desatenção manifesta-se comportamentalmente no TDAH como falta de persistência e dificuldade de manter o foco. A hiperatividade refere-se à atividade motora excessiva quando não apropriado, remexer, batucar ou conversar em excesso. A impulsividade refere-se a ações realizadas sem pensar no dano que pode causar para a pessoa.

As manifestações do transtorno devem estar presentes em mais de um ambiente, escola – trabalho – casa. É natural que os sintomas variem conforme o contexto em um determinado ambiente. Sinais do transtorno podem ser mínimos ou ausentes quando o indivíduo está recebendo frequentes recompensas por comportamento apropriado, estar em uma situação nova, etc.

Nesta nova edição do DSM-5 existe a possibilidade de classificar o TDAH em leve, moderado e grave, de acordo com o grau de comprometimento que os sintomas causam na vida do indivíduo. Sendo assim:

Leve – poucos sintomas, se alguns estão presentes além: daqueles necessários para fazer o diagnóstico, e os sintomas resultam em não mais do que pequenos prejuízos no funcionamento social e profissional; Moderada – sintomas ou prejuízo funcional entre 'leve' e 'grave' estão presentes; Grave – muitos sintomas além daqueles necessários para fazer o diagnóstico estão presentes, ou vários sintomas particularmente graves estão presentes, ou os sintomas podem resultar em prejuízo acentuado no funcionamento social ou profissional. (2014, p. 34)

Existem alguns critérios diagnósticos para o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Conforme é relatado pelas psicólogas Gómez e Terán, alguns dos comportamentos que são observáveis só podem ser mencionados se pelo menos seis ou mais sintomas tiverem sido persistidos por pelo menos seis meses e com uma intensidade que atrapalhe a adaptação ou seja incoerente ao desenvolvimento, e os comportamentos. São estes:

Desatenção: fracassa com frequência em prestar atenção aos detalhes ou comete erros por descuido numa tarefa escolar, no trabalho ou outras atividades; Frequentemente tem dificuldade para manter a atenção nas tarefas ou no desenvolvimento de atividades lúdicas; Com frequência não parece escutar o que está sendo dito a ela; Frequentemente não cumpre instruções e fracassa ao realizar suas tarefas escolares, domésticas ou

obrigações no seu local de trabalho (não devido a condutas de oposição ou a dificuldades para compreender as indicações); Com frequência tem dificuldade para organizar tarefas ou atividades; Muitas vezes evita ou desagradam-lhe muito as tarefas escolares e domésticas que exigem um esforço mental continuado; Com frequência perde coisas necessárias para tarefas e atividades (livros, ferramentas, lápis, brinquedos, etc.); Frequentemente, distrai-se facilmente com estímulos irrelevantes; Muitas vezes é esquecido e/ou descuidado nas suas atividades diárias. Hiperatividade: levanta-se da cadeira na sala de aula ou em outras situações nas quais se espera que permaneça sentada; Com frequência corre ou escala excessivamente em situações inapropriadas. Esta conduta no adolescente ou adulto pode se limitar a sentimentos subjetivos de impaciência; Frequentemente tem dificuldade para brincar ou conectar-se com tranquilidade em atividades recreativas; Muitas vezes “está em movimento” ou costuma agir como se tivesse um motor; Com frequência fala excessivamente. Impulsividade: Com frequência responde abruptamente a perguntas antes de escutá-las de forma completa; Tem dificuldades para esperar em fila ou aguardar sua vez em jogos ou situações grupais; Frequentemente interrompe ou se intromete nas atividades dos outros (conversas, brincadeiras, etc.). (...). (2014, p. 136 e 137)

Uma avaliação bem-feita pode ser o início de mudanças positivas na vida de uma pessoa com TDAH e de seus familiares. É importante que os sintomas se apresentem tanto na escola quanto em casa ou no trabalho, visto que não é comum que os sintomas apareçam só em um lugar ou situação.

Avaliação nas Escolas Privadas e Públicas

Nas instituições de ensino, as avaliações acontecem de forma incessante e indispensável para o trabalho pedagógico, já que a avaliação é vista como uma verificação dos resultados das ações que foram planejadas pelo professor e equipe pedagógica. Existe uma grande variedade de metodologias e análises que podem ser utilizadas nas escolas. A autora Sant’Anna comenta que a avaliação escolar é:

(...) o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontra os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel significativo na educação, tanto que nos arriscamos a

dizer que a avaliação é a alma do processo educacional. (2014, p. 7)

As diferentes etapas e tipos de avaliação podem ter um papel decisivo e nenhuma delas exclui o avaliador ou o avaliado do compromisso com o processo educativo. As avaliações internas servem para auxiliar os professores a traçarem metas para o planejamento, superar problemas detectados e aperfeiçoar os processos de ensino/aprendizagem.

A gestão das escolas, seja esta pública ou privada, tem um papel importante na escolha do instrumento de avaliação que será utilizado. E é preciso salientar que a avaliação da aprendizagem carrega em si conceitos antigos e tradicionais, o que quase sempre impede os professores de mudar ou revisar as suas práticas e assim fazerem alterações.

Desde de 1990, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) foi instituído no Brasil. Esta avaliação tem como objetivo realizar um diagnóstico da educação brasileira e fornecer um indicativo sobre a qualidade do ensino que é ofertado pelo país. O Saeb é composto pelos processos de: Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb), Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc) e Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). Os autores Freitas, Sordi e Malvasi comentam o seguinte assunto sobre o Saeb:

A avaliação em larga escala, do tipo Saeb, é um instrumento de acompanhamento global de redes de ensino com o objetivo de traçar séries históricas do desempenho dos sistemas, que permitam verificar tendências ao longo do tempo, com a finalidade de reorientar políticas públicas. Quando conduzidas com metodologia adequada, podem trazer importantes informações sobre o desempenho dos alunos, dados sobre os professores, condições de trabalho e funcionamento das escolas de uma rede. (2009, p.47)

Sabemos que estas avaliações externas fazem relação ao trabalho do gestor e contribuem para mudanças na forma como os gestores conduzem o cotidiano da escola, de acordo com os resultados obtidos através das avaliações. Os professores precisam atuar de acordo com a proposta apresentada pela gestão da escola, mas é necessário que juntos busquem o melhor instrumento para avaliar o seu aluno.

No Estado e Município do Rio de Janeiro, a avaliação da aprendizagem é uma discussão antiga, existe um grande debate nas escolas e nas reuniões pedagógicas, no qual, eles começam a perceber que a avaliação é um processo contínuo que envolve professores, alunos e as propostas pedagógicas oferecidas pela escola. É preciso avaliar os aspectos qualitativos dos alunos (atenção, interesse, participação na aula, etc), juntamente com as provas, trabalhos e testes. No Ensino Fundamental, há que se considerar que o professor precisa encontrar meios de avaliar a aprendizagem dos alunos em conformidade com o desenvolvimento cognitivo e a maturidade destes.

A Câmara de Políticas Sociais Integradas à Educação do CME-Rio (Conselho Municipal de Educação) confirma as orientações ditas pela Resolução SME nº959 (ano de 2007), que regulamenta a avaliação das escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que: o processo de avaliação deve ter um caráter formativo, processual, diagnóstico, dialógico, investigativo e transformador; os ciclos de formação deve ter como pressuposto a progressão continuada dentro de cada ciclo; o registro da avaliação escolar deve assumir um caráter fundamental para o acompanhamento do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, visto que isso resume a ação pedagógica (planejamento pedagógico e replanejamento periódico).

A Secretaria Municipal de Educação do Estado do Rio de Janeiro confirma que na atual proposta do estado permanece a avaliação formal (provas e trabalhos), complementada pela avaliação informal (socioafetiva), criando ações complementares como: recuperação paralela, monitoria, reagrupamentos e outras atividades, visando ao acompanhamento efetivo do processo de desenvolvimento e aprendizagem de cada aluno.

Nas escolas, a avaliação da aprendizagem precisa deixar de assumir características punitivas ou meramente classificatórias. Vários são os erros cometidos no processo de avaliação dos alunos, pois esta deve apontar para a elaboração de estratégias e instrumentos de registros que expressem o que e como cada aluno vem aprendendo para que o professor possa intervir no processo ensino-aprendizagem.

As instituições privadas buscam uma avaliação dinâmica e ativa, presente em todas as etapas do ensino-aprendizagem. Na Educação Infantil, a avaliação ocorrerá através da observação do desenvolvimento e registrada através de relatórios. No Ensino Fundamental, a avaliação será feita através de atividades concretas (testes, provas, trabalhos, exercícios) comportamento e participação em sala.

Como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 determina que a avaliação seja contínua, cumulativa, que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos e que exista uma possibilidade de aceleração de estudos para os alunos com atraso escolar. Da mesma forma, os resultados obtidos pelos estudantes ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados que a nota da prova final. Os estudos de recuperação são obrigatórios para os casos de alunos com baixo rendimento escolar.

Os instrumentos avaliativos são diversos e cabe ao professor, conhecer a sua turma e avaliá-los de uma forma democrática e clara, tendo os seus objetivos claros e definidos. O importante é o professor conhecer bem os seus alunos e ser mediador no processo do conhecimento. Para auxiliar o professor nesse processo de avaliação, existem três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa, e cada uma tem suas particularidades.

A avaliação diagnóstica deve acontecer no início de cada ciclo, para assim auxiliar no planejamento docente e ter um ano letivo positivo, retomando matérias e conteúdos que não foram bem assimilados nos anos anteriores pelos alunos. Ela ajuda a identificar as causas de dificuldades dos estudantes no entendimento do conteúdo e apura a causa de repetidas dificuldades na aprendizagem, o que abre a possibilidade ao professor de replanejar e reorganizar o ensino de forma mais proveitosa. A autora Sant'Anna trata a esta avaliação como:

Visa diagnosticar a presença e a ausência de conhecimentos e habilidades, inclusive buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem. Permite averiguar as causas de repetidas dificuldades de aprendizagem. (2017, p. 32)

A avaliação formativa auxilia o professor no aperfeiçoamento da sua prática, e faz com que ele enxergue a sua prática pedagógica e se ela está sendo bem

recebida por seus alunos. Com esse tipo de avaliação, o mestre percebe que cada aluno tem um ritmo de aprendizagem e cada um é cada um. Cada aluno tem suas particularidades e diferenças. Santa'Anna ainda afirma:

É realizada com o propósito de informar o professor e o aluno sobre o resultado da aprendizagem, durante o desenvolvimento das atividades escolares. Localiza deficiências na organização do ensino-aprendizagem, de modo a possibilitar reformulações no mesmo e assegurar o alcance dos objetivos. É chamada formativa no sentido que indica como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos. (2017, p. 34)

A avaliação somativa tem a função de classificar os alunos. Ela pode acontecer no final de cada ciclo, módulo, semestre, bimestre ou ano e termina classificando os alunos de acordo com os resultados dos níveis de aproveitamento pré-estabelecido. A autora Santa'Anna expressa a avaliação somativa da seguinte forma:

Sua função é classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados. (...). No momento atual, a classificação do aluno se processa segundo o rendimento alcançado, tendo por parâmetro os objetivos previstos. (2017, p. 35)

Os professores e as instituições de ensino têm as suas preferências nas formas de avaliar e acabam se utilizando mais da avaliação somativa do que das outras, sendo que elas deviam estar interligadas uma na outra. Por exemplo, a avaliação diagnóstica evolui para a avaliação formativa e esta devia prevalecer nas instituições, e em seguida a somativa, só que a avaliação somativa acaba sendo mais utilizada com o objetivo de fazer o aluno alcançar a nota para passar de ano ao invés de auxiliá-los onde realmente precisa. A avaliação da aprendizagem apresenta três funções básicas: diagnosticar, controlar e classificar.

Se as avaliações fossem realizadas da forma correta, os alunos com TDAH ou TDA seriam contemplados numa reorganização de metodologias de ensino durante todo o processo de forma que no tempo da avaliação somativa este responderia melhor ao que se espera dele.

Psicopedagogia: o entendimento do cognitivo

A aprendizagem se faz de forma integrada, relacionando o corpo, a psique e a mente para que o indivíduo possa se apropriar da realidade de uma maneira própria. É importante entender que cada indivíduo terá a sua forma particular de processamento de informações, que não depende somente das atividades cerebrais, mas também do psíquico.

Todas as tarefas que se executa diariamente necessitam da atividade cerebral. O homem quando nasce descobre um mundo que já tem normas e regras pré-estabelecidas, a presença e o convívio com outras pessoas vão lhe permitindo uma interação e manifestações simbólicas como a linguagem e o pensamento.

Diariamente, adquire-se conhecimento sobre o mundo, adaptando-se ao meio praticamente todos os dias, ao longo de nossa vida. O ser humano com isto está se desenvolvendo cognitivamente todos os dias enquanto vive. As psicólogas Gómez e Téran relatam sobre o desenvolvimento cognitivo:

O desenvolvimento cognitivo é entendido então como um processo que permanentemente se transforma, como resultado de contínuas reestruturações que ocorrem nas diversas interações que a pessoa estabelece. Existem momentos-chaves nos quais a estimulação permite que algumas funções apareçam e se desenvolvam. Mesmo no caso do cérebro funcionar perfeitamente, se a pessoa não escuta até dez anos de idade, por exemplo, é muito improvável que possa aprender a falar. O funcionamento do cérebro e da mente depende e se beneficia da experiência. O desenvolvimento não é meramente um processo biológico, mas também um processo ativo que utiliza informações essencial da experiência. (...). (2014, p. 46/47)

Quando se fala em cognição, refere-se ao conjunto de habilidades mentais necessárias para a construção de conhecimento sobre o mundo. Ao ingressar na escola, espera-se que esteja tudo em ordem com o desenvolvimento cognitivo da criança, no qual será exigido a maturação de suas competências, porém em caso de alguns atrasos ou lesões neurológicas ou disfunção comportamental, esse desenvolvimento cognitivo pode ser desenvolvido com mais especificidades e atrasos. Os principais teóricos cognitivistas são Piaget, Wallon e Vygotsky, apesar

de terem suas teorias diferentes, eles procuram compreender como a aprendizagem ocorre nas estruturas mentais e no que é preciso fazer para aprender.

Os processos cognitivos envolvem, habilidades relacionadas ao desenvolvimento: o pensamento, raciocínio, linguagem, memória, percepção, atenção, etc. Estas funções cognitivas interagem entre si.

A atenção é uma função cognitiva bem complexa e diversos comportamentos dependem de um bom nível de atenção para que sejam executados e bem-sucedidos. Gómez e Téran definem:

É uma condição básica para o funcionamento dos processos cognitivos, já que envolve a disposição neurológica do cérebro para a recepção de estímulos. (...) A atenção está presente e participa ativamente na conduta humana desde a entrada do estímulo até a resposta motora. (2014, p. 55)

As crianças com TDAH apresentam uma dificuldade na capacidade de manter a atenção focada em determinado conteúdo e isso interfere na sua capacidade de atenção seletiva e dividida. A memória é uma das funções cognitivas mais usadas pelo ser humano em seu dia a dia. Possibilita recordar o passado para se ter um bom funcionamento, dependendo do nível de atenção que tem. Segundo Gómez e Terán:

(...) A memória é imprescindível no processo de aprendizagem. É um processo muito complexo que abrange o neurológico, o psíquico e o cognitivo. Depende das associações neurais que são organizadas de forma específica, constituindo uma enorme rede distribuída pelo córtex cerebral e as formações subcorticais. A memória pode ser classificada conforme o tempo de armazenamento das informações (...). (2014, p. 56)

Problemas ligados a memória geram muita dúvida quando se trata de TDAH. Isso se deve porque a formação da memória depende de um bom funcionamento da atenção, e como a atenção do TDAH é comprometida, conseqüentemente, a memória também será. Quando não se tem uma boa atenção ao que está acontecendo, dificilmente isso se dará em uma boa consolidação da memória.

A linguagem é uma função que se faz uso todos os dias, seja ela oral ou escrita. Tanto na fala quanto na escrita o ser humano precisa selecionar as palavras

que conhece para organizar o seu contexto e o seu texto. Os autores Gómez e Terán se referem a linguagem como:

A linguagem vai sendo constituída pouco a pouco desde o nascimento. A aquisição da linguagem exige a coordenação de várias funções e aptidões e também a intervenção de diferentes órgãos. Por um lado, está ligada à evolução e maturação cerebral e ocorre com base na coordenação dos órgãos bucofonatórios. Por outro lado, esta aquisição não ocorre como um fato isolado: ocorre intimamente relacionada com os progressos no desenvolvimento psicomotor e na evolução cognitiva. Intervém, além disso, as funções nervosas superiores, a interação com o entorno, fatores sociais e culturais, afetivos e emocionais e o pensamento. (2014, p. 61)

No caso de crianças portadoras de TDAH, há dificuldades encontradas na interação e imitação, fatores básicos para a aquisição da linguagem. É importante ressaltar que existe uma relação entre a linguagem e a atenção. Visto que a atenção é um problema às pessoas que possuem TDAH, conseqüentemente, um problema para a linguagem também. As crianças podem desenvolver algumas dificuldades como: distúrbios na fala, atraso na aquisição da linguagem e distúrbios da competência comunicativa.

O psicopedagogo tem um papel importante na superação da dificuldade de aprendizagem. Ele vem a desenvolver atividades que estimulem as funções cognitivas que não estão sendo bem executadas. Durante as sessões, o psicopedagogo usará recursos como jogos, livros e atividades com a finalidade de auxiliar o paciente a desenvolver habilidades para lidar da melhor forma com o seu distúrbio de aprendizagem e proporcionar condições para que esta aconteça. Este profissional irá detectar problemas pedagógicos que estejam prejudicando a aquisição do ensino-aprendizagem e orientar os professores e os responsáveis para juntos auxiliarem as crianças neste processo.

É necessário ter um profissional especializado para que aponte caminhos e recursos para tal superação. Este não só tratará diretamente o aluno com suas dificuldades como poderá oferecer suporte para a família em seu papel coadjuvante. Neste processo, a escola também desempenha sua função como fundamento de todo o ensino-aprendizagem.

A avaliação eficaz do aluno com TDAH à luz da psicopedagogia

A psicopedagogia tem o intuito de identificar as dificuldades e os transtornos que atrapalham a aprendizagem e com isso criar estratégias para auxiliá-los. De acordo com Porto:

(...) A psicopedagogia é uma área de estudo nova, voltada para o atendimento de sujeitos que apresentam problemas de aprendizagem. (...) a psicopedagogia não é apenas o estudo da atividade psíquica da criança e dos princípios que daí decorrem, visto que ela não se limita à aprendizagem da criança, mas abrange todo o processo de aprendizagem e, conseqüentemente, inclui quem está aprendendo, independentemente de ser criança, adolescente ou adulto. A psicopedagogia é um campo de atuação que integra saúde e educação e lida com o conhecimento, sua ampliação, sua aquisição, suas distorções, suas diferenças e seu desenvolvimento por meio de múltiplos processos. (2011, p. 77 e 78)

Sendo assim, o psicopedagogo tem o papel de auxiliar e diagnosticar as crianças com TDAH, juntamente com os outros profissionais. Cabe a ele uma intervenção educativa ampla e direcionada ao processo de desenvolvimento do paciente. A avaliação do TDAH é realizada através de uma equipe multidisciplinar e as autoras Sampaio e Freitas dizem que:

O psicopedagogo, por sua vez, fará uma avaliação aprofundada por meio de provas cognitivas, que darão a relação entre maturação dos esquemas cognitivos e a idade cronológica, analisando a preservação do potencial intelectual. Além disso, fará a aplicação de provas afetivas, que possibilitarão a percepção da relação da criança com ela mesmo, com a família e com a escola, excluindo a possibilidade de as condutas inadequadas estarem contribuindo para a organização de um falso quadro do transtorno. Pode aplicar também atividades acadêmicas relacionadas ao ano letivo, a fim de conhecer lacunas acadêmicas significativas. (...). (2014, p. 141 e 142)

As pessoas suspeitas de serem portadoras do TDAH passarão por um diagnóstico psicopedagógico para assim tal especialista descobrir se ele realmente possui o transtorno e se for constatado, ele buscará as intervenções e as atividades que serão realizadas com o seu paciente. Os aspectos cognitivos, emocionais,

sociais e pedagógicos serão de extrema importância para chegar ao resultado e juntos, trabalhar com a família e a escola para o melhor desenvolvimento deste.

Na clínica, o psicopedagogo realizará atividades que auxiliem o paciente com TDAH a lidar com a sua desatenção, agitação, ansiedade, hiperatividade, entre outros. Criará estratégias com a família e com a escola para que possam tornar os momentos educativos mais prazerosos para o aluno e, assim, melhorar o seu rendimento escolar.

As autoras Castro e Antonio ressaltam a importância da família, da escola e dos demais profissionais no trabalho psicopedagógico da seguinte forma:

Para obter êxito em sua atuação o Psicopedagogo precisa contar com a colaboração da família, da escola e de outros profissionais envolvidos com o paciente, como psicólogos, fonoaudiólogos, médicos etc. enfim, de todos aqueles que possam contribuir de forma significativa para a resolução do problema de aprendizagem do paciente. (2011, p.166)

Aprender a lidar com os sintomas do TDAH é muito significativo para o paciente, seja esta criança, adolescente ou adulto, pois assim ele terá uma vida tranquila e passível de uma aprendizagem tranquila e significativa.

O psicopedagogo numa instituição escolar atua com um olhar multidisciplinar e traz à tona o papel do professor nesse trabalho com os alunos com TDAH. O professor deve ter um olhar sobre o seu aluno, compreender sobre as suas características e necessidades de aprendizagem e assim fazê-lo buscar a sua criatividade e o seu despertar para o conhecimento.

Tal profissional irá exercer um trabalho de apoio aos professores, ajudando na elaboração de estratégias pedagógicas que ofereça e favoreça o ensino-aprendizagem da pessoa com TDAH. De acordo com a autora Bossa o trabalho psicopedagógico na instituição escolar funciona da seguinte maneira:

(...) cumpre uma importante função social: a de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo. A escola, afinal, é responsável por grande parte da aprendizagem do ser humano. (2000, p. 90)

O atendimento psicopedagógico tem como objetivo auxiliar o paciente na sua aprendizagem e oferecer orientações em sala de aula, compreendendo as dificuldades que serão enfrentadas por partes dos profissionais de educação. Algumas recomendações do psicopedagogo podem ser ajustadas pela escola e serem aplicados em sala de aula como: apresentar uma quantidade menor de atividades, repetir as instruções para melhor memorização, realizar mais atividades orais, focar nas atividades e conteúdo que melhor lhe agrade, não deixando as outras de lado. Deve-se fazer um trabalho através de jogos, trabalhos manuais, atividades lúdicas, auxiliar na organização da rotina e persistência nas tarefas.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar a avaliação de alunos com TDAH em escolas públicas e privadas, mostrar como é realizada a confirmação do transtorno, a importância da família e da escola na vida dessas pessoas e a participação da psicopedagogia no tratamento. Observou-se o conceito, a origem, a causa e o tratamento do TDA e principalmente do TDAH.

Através do referido artigo foi possível verificar o quão é importante a identificação bem como o tratamento precoce do portador do TDAH para que sua vida seja mais saudável, produtiva e qualitativa.

Constatou-se que o diagnóstico para uma pessoa com TDAH não é tão simples de ser realizado, exige bastante cautela e experiência de profissionais qualificados para esta função. Observa-se que a tríade família-escola-médico é um conjunto essencial para o diagnóstico do paciente. Após ter o diagnóstico é fundamental dar início ao tratamento e assim ter a oportunidade de proporcionar uma melhor condição de vida e de ensino-aprendizagem.

Fica claro que nas instituições de ensino, as avaliações são indispensáveis para o trabalho pedagógico. Cada instituição, seja ela pública ou privada, tem a autonomia de escolher qual a modalidade de avaliação fará uso, sendo que existem três tipos: diagnóstica, formativa e somativa. Neste artigo, percebe-se claramente

que é importante fazer uso dos três modelos, uma interligando a outra e, assim, será eficaz para os alunos e em especial para um aluno com TDAH. Cabe ao professor criar estratégias e atividades direcionadas aos seus alunos especiais, exercendo uma atenção especial.

As pessoas com TDAH têm dificuldades nas habilidades cognitivas relacionadas ao desenvolvimento: pensamento, raciocínio, linguagem, memória, atenção, entre outros. O TDAH é um transtorno ligado ao desenvolvimento neurobiológico, caracterizado por um conjunto de sintomas clássico como: desatenção, hiperatividade e impulsividade.

A psicopedagogia vem como uma facilitadora para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. O psicopedagogo fará uma intervenção ampla e direcionada ao desenvolvimento do paciente, criando estratégias com a família e a escola, para que juntos possam auxiliar e tornar o ensino-aprendizagem da criança mais prazerosa e satisfatória. Realizando um trabalho eficaz e com parcerias, a pessoa portadora do TDAH tem uma chance de ter uma vida mais rica e cheia de sucesso.

Um portador caminhando sozinho é como achar uma agulha no palheiro sem nenhum auxílio, agora um TDAH caminhando com a sua família, sua escola e seus médicos é como achar uma agulha no palheiro com auxílios, e assim, fica mais fácil de encontrá-la. Certamente, quando caminhamos guiados por bons profissionais e parceiros a caminhada se torna mais fácil e cheia de bons resultados.

Desta forma, a Psicopedagogia colabora e muito na elucidação de causas e estratégias certas para a superação de dificuldades escolares bem como a melhoria da qualidade de vida de forma elucidativa.

Referências

AMORIM, Cacilda. Como é feito o Diagnóstico do TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção. **Instituto Paulista de Déficit de Atenção**. Disponível em: <<https://dda-deficitdeatencao.com.br/diagnostico/>> Acesso em: 23 set. 2017.

ASSOCIATION, American Psychiatric. **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5º edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 2º edição. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CASTRO, Chary A. Alba. ANTONIO, Marta de Brito. **O Papel do Psicopedagogo na Educação**: as contribuições da psicopedagogia no processo de aprendizagem do adulto e de alunos de escola municipal de ensino fundamental 1 (Estudo de Caso). Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2011.

CERQUEIRA, Leonardo Meirelles. GONZALEZ, Wânia. BERNARDO, Elisangela da Silva. Política de Avaliação do Estado do Rio de Janeiro: repercussões na gestão escolar e no currículo. **Práxis Educativa**. v. 22, n. 1, p. 31-48, jan./mar. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10782/0>> Acesso em: 08 de outubro de 2017.

DEPRESBITERIS, Léa. A Avaliação na Educação Básica: ampliando a discussão. **Estudos em Avaliação Educacional**. 2001. <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/980/980.pdf>> Acesso em: 21 set. 2017.

FONTES, Maria Alice. FISCHER, Claudia Petlik. **Neuropsicologia e as Funções Cognitivas**. Plenamente. 2017. Disponível em: <<http://www.plenamente.com.br/artigo/66/neuropsicologia-as-funcoes-cognitivas.php#.WcbKxMiGPIU>> Acesso em 09 out. 2017.

FREITAS, Luiz Carlos de. SORDI, Mara Regina Lemes de. MALAVASI, Maria Marcia Sigrist. et al. **Avaliação Educacional**: caminhando pela contramão. Petrópolis: Vozes, 2009

GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de Dificuldades de Aprendizagem**: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado. TERÁN, Nora Espinosa. **Transtornos de Aprendizagem e Autismo**. São Paulo: Grupo Cultural, 2014

KESTELMAN, Iane. O que é TDAH. **Associação Brasileira do Déficit de Atenção – ABDA**. Disponível em <<http://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>> Acesso em: 21 jul. 2017.

_____. Tratamento. **Associação Brasileira do Déficit de Atenção – ABDA**. 2017. Disponível em <<http://tdah.org.br/tratamento/>> Acesso em: 21 jul. 2017.

MOGRABI, Sonia Maria Corrêa. Avaliação: um assunto polêmico. **Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Educação**. 2007. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1122693/DLFE-205681.pdf/Indicacao04_2007.pdf> Acesso em: 29 set. 2017.

_____. Os Ciclos no Ensino Fundamental: aspectos históricos, políticos e pedagógicos. **Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Educação**. 2007. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1122693/DLFE-205680.pdf/indicacao3.pdf>> Acesso em: 29 set. 2017.

MUSZKAT, Mauro. MIRANDA, Monica Carolina. RIZZUTTI, Sueli. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**. São Paulo: Cortez, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PORTO, Olivia. **Bases da Psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem**. 5ª edição. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.

QUADRO, Sérgio. Avaliação Escolar. **Avalia Educacional**. 2017. Disponível em: <<http://www.avaliaeducacional.com.br/Avaliacao/>> Acesso em: 14 set. 2017.

SAMPAIO, Simaia. FREITAS, Ivana Braga de. Orgs. **Transtorno de Dificuldade de Aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?: critérios e instrumentos**. 17ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, Paulo Renato. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Presidência da República, Casa Civil – Subchefia para assuntos jurídicos**. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 03 out. 2017.

TEIXEIRA, Gustavo. **Desatentos e Hiperativos**: manual para alunos, pais e professores. 2º edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

WAJNSZTEJN, Rubens. BERNARDES, Alessandra. WAJNSZTEJN, Caturani. **Dificuldades de Atenção e Memorização**: na infância e adolescência. São Paulo: SBJ Produções, 2000.